

ELEIÇÕES 2016

**FLÁVIA
OLIVEIRA**



A desigualdade do mundo numa cidade

O Rio de Janeiro guarda a desigualdade do mundo. Foi o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação

Getúlio Vargas (CPS-FGV), que notou. O Índice de Gini da capital olímpica de 2016 (0,547) é semelhante ao do planeta (0,550). Significa que o abismo entre ricos e pobres na cidade repete a Terra e supera o Brasil (0,515). Assim, os 1.200 quilômetros quadrados da Cidade Maravilhosa comportam da Noruega, número um do ranking do desenvolvimento humano da ONU, ao Niger, lanterna da lista de 188 países. Nenhum lugar convive impunemente com tamanho fosso.

Pode não parecer, mas a desigualdade carioca resvala na política. O Rio não escapa da crise de representação que grassa no país. São os homens brancos de alta renda que dominam Executivo, Legislativo e Judiciário, num desenho nada proporcional à diversidade da população,

com metade de mulheres e negros, um quarto de jovens. Tampouco são os pobres que ocupam os assentos decisivos.

Assim, tanto o debate eleitoral quanto as políticas prioritárias acabam dominados por um ponto de vista que não dá conta da heterogeneidade da sociedade. No primeiro debate entre os candidatos a prefeito, exibido pela TV Bandeirantes, dia 25 de agosto, propostas para a segurança pública relacionaram o crime à pobreza e à juventude da periferia, como se eles fossem culpados, não predominantemente vítimas da violência.

A queda de braço dos táxis com o Uber mereceu um par de perguntas, como se o transporte público individual (não o coletivo) fosse o principal problema de mobilidade urbana da cidade. Isso acontece porque não é

dentro de ônibus lotados que a classe média alta passa pelo menos 10% de um dia útil, como sabem os trabalhadores de baixa renda da Região Metropolitana. Ela também não frequenta hospitais ou escolas públicas.

Na última quarta-feira, o Baixo Suíça recebeu especialistas e moradores para debater o Rio pós-Jogos. Estudioso dos impactos urbanos e sociais dos megaeventos, o geógrafo americano Christopher Gaffney tratou da desigualdade. Ele contrapôs o sucesso da Olimpíada e a beleza das instalações esportivas às dificuldades que moradores do subúrbio e das favelas enfrentaram no trânsito e, pior ainda, na ação das forças de segurança. É a desigualdade que soterra a demanda de uns, em benefício de outros. Esse jogo precisa mudar. ●